

PE. KENTENICH E A IDEOLOGIA DE SCHOENSTATT

*Marta Rosa Borin**

Em 1912, diante da crise religiosa e moral dos povos deslumbrados com a revolução científica, e influenciado pelas aspirações iluministas de uma sociedade mais racional e humana, o padre palotino José Kentenich concebe uma nova pedagogia para os seminaristas alemães. Como, segundo ele, a Igreja não estava suficientemente capacitada para controlar o “bacilo do pensar mecanicista”, que levaria ao coletivismo marxista e ao totalitarismo, Kentenich propunha um homem independente e livre pensador, concepções que não encontraram receptividade na Alemanha da época. Aliás, valeram-lhe o confinamento em Dachau, impetrado pelo Reich, e o posterior exílio nos Estados Unidos, imposto pela alta hierarquia da Igreja. Apesar das perseguições, sua idéias deram origem a um movimento religioso que se estendeu por mais de quarenta países.

* Professora do Curso de História do Centro Universitário Franciscano.

Para falar da proposta de sociedade pensada por Kentenich para o Ocidente, é necessário recorrer a Vicente Pallotti, fundador da congregação dos padres palotinos em Roma, onde pretendia unificar, vivificar e mobilizar todas as forças católicas. Isso deu origem ao Movimento Universalista, composto de uma parte central e motriz e de uma obra externa, baseado na magnanimidade (daí o fato de não ter votos) e posto sob a proteção de Maria Santíssima. Por diversas razões a obra externa não subsistiu, o que levou Pe. Kentenich a fundar um movimento para realizar a idéia de Vicente Pallotti. Em 1892, esse movimento conseguiu inaugurar na Alemanha, em Limburgo, um seminário, tendo como superior o Pe. Maximiliano Kugelmann. Mais tarde, em 1901, os padres palotinos compraram uma propriedade da família Dorsemagem, da qual fazia parte a Capelinha de São Miguel, pois essa propriedade havia pertencido por três séculos às irmãs agostinianas, desde o século XII, tendo sido adquirida posteriormente por distintas famílias.

Em 1910, os padres palotinos iniciaram sobre as colinas de Schoenstatt, na Alemanha, a construção de um novo seminário, ao lado do velho convento, que abrigou inúmeros seminaristas da Sociedade dos Padres Palotinos, a partir de 1912. Nesse seminário acomodaram-se as classes inferiores, enquanto que os cursos superiores continuaram em Ehrenbreitstein, onde o regime disciplinar era relativamente suave, com liberdade, enquanto que no seminário em Schoenstatt nada escapava do olhar atento do Prefeito, que aplicava castigos e fazia repreensões, dificultando a ação educativa. Desse autoritarismo resultaram ressentimentos por parte dos seminaristas.

A direção espiritual do seminário seria representada pelo Prefeito, confidente dos superiores, ao qual competia zelar pela ordem, disciplina e distribuição das tarefas do dia (amo paterno), e o padre espiritual (amo materno) seria tanto confidente dos superiores, como dos alunos. Viveria com eles, sem no entanto tocar no regulamento, e muito menos castigar os alunos.

José Kentenich, em 1910, foi ordenado padre, e em pouco tempo tornou-se o terceiro diretor espiritual do seminário palotino. Suas idéias de liberdade mudaram as reações dos alunos e revolucionaram o Seminário de Schoenstatt, resultando na fundação do Movimento Apostólico de Schoenstatt.

Em 1922, começam a ser publicados os escritos de Vicente Pallotti, buscando-se a sua canonização. Nesse período a sede da Província Americana transferiu-se da Alemanha para o Brasil, fixando-se, em 1925, na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Eram as seguintes as comunidades que compunham o distrito brasileiro: Silveira Martins, Vale Vêneto, Nova Palma, Novo Treviso, Arroio Grande, Tristeza, Porto Alegre

e Santa Maria. Esse distrito era composto por onze padres, dois irmãos e uns quinze alunos. Assim, havia duas diferentes jurisdições da sociedade: uma em Santa Maria e outra na Alemanha, operando dentro do mesmo território. As divergências que surgem são em torno da formação vocacional. Desde a fundação sul-americana havia uma certa resistência em admitir pessoas nascidas nessas regiões, ficando fechada a luso-brasileiros, aos negros e aos descendentes de imigrantes. Por muito tempo houve preocupação de que fossem estudar na Europa (Alemanha e Itália).

Para compreender a visão de Kentenich, é preciso conhecer o pensamento de autores contemporâneos seus com quem ele se identificava intelectualmente.

As concepções sobre o indivíduo e a sociedade encontramos no pensamento de Kentenich, quando ele propõe ao Movimento de Schoenstatt formar o homem moderno. Ao sair de Dachau, decide dar a conhecer à Igreja a hierarquia, a espiritualidade e a pedagogia de Schoenstatt. Na sua opinião, a Igreja não estava suficientemente capacitada para vencer os “erros coletivistas”, o “bacilo do pensar mecanicista”, que corroíam profundamente sua vitalidade e a incapacitavam para ser a alma e a cultura do futuro.¹

Na Alemanha, Pe. Kentenich não encontra receptividade para sua proposta, ao contrário, as críticas a Schoenstatt foram-se acentuando. O bispo de Tréveris ordena uma visitação a Schoenstatt em fevereiro de 1949, fazendo algumas restrições às práticas pedagógicas de Kentenich. Na Argentina, este começa a escrever, como resposta ao visitador, uma longa carta que concluirá no Chile, onde esteve na mesma época (início de 1949) para inaugurar o Santuário em Bellavista. Nesta carta Kentenich denunciará em 400 páginas

a gravidade que ele atribui à *doença mecanicista*, que atinge não somente o mundo, mas que também contagia a vida eclesial, ameaçando gravemente “a sobrevivência da fé e da futura fecundidade evangelizadora da Igreja”.²

¹ FERNÁNDEZ, Pe. Rafael de A. *O trinta e um de maio: uma missão para nosso tempo*. Trad. de Terezinha Bolli Mota. Santa Maria: Pallotti, 1998.

² MORANDE, Hernan Alessandri. *La proposta evangelizadora de Schoenstatt*. Santiago do Chile: Patris, 1996. p. 116.

Kentenich, sendo alemão, conhece a concepção alemã de sociedade de sua época, que Dumont aponta como *doença totalitária*.³ Neste sentido, apontaremos alguns aspectos da ideologia moderna para entendermos a visão de mundo de alguns intelectuais que pensam o idealismo alemão, que de certa forma se reflete no pensar de Kentenich, que, como esses intelectuais, também não foi compreendido por seus contemporâneos.

As visões antagônicas de Herder e Fichte utilizadas neste estudo, encontram-se analisadas em Dumont, para quem a cultura alemã do século XVIII conhece no plano erudito um desenvolvimento sem precedente, autônomo em relação à cultura francesa, até então dominante, e que constitui, no essencial, a ideologia alemã moderna. Esse movimento foi de grande importância para a ideologia moderna em geral.

Em 1774, Johann Gottfried Herder estabelece uma polêmica contra a hegemonia do racionalismo iluminista e sua estreita concepção de progresso. Diante do universalismo reinante, Herder afirma a diversidade das culturas, sem ignorar o que umas adotam de outras, postulando o direito das culturas ou dos povos de conviverem pacificamente. Ao invés de um indivíduo abstrato, representante da espécie humana, portador de razão, mas desprovido de suas particularidades, de suas idiossincrasias, o homem de Herder é aquilo que é, em todos os seus modos de ser, de pensar e de agir, em virtude de pertencer a uma comunidade cultural determinada.⁴

Para Herder, todas as culturas são postuladas como de direito igual, e isso só é possível porque as culturas são vistas como outros tantos indivíduos, iguais apesar de suas diferenças. Herder transfere o individualismo para o plano elementar, para o plano de entidades coletivas até então desconhecidas ou subordinadas, rejeitando assim a cultura universalista. O seu holismo está situado no seio do individualismo que ele ataca. Neste sentido, Dumont chama a atenção para o fato de Herder ter influenciado profundamente a aculturação e o nacionalismo nos povos expostos ao impacto dos valores modernos.

De acordo com o magistério eclesial, Morande apresenta três enfoques diferentes de cultura.⁵ Aqui destacaremos o ponto de vista subjetivo, ou seja, a partir do ser humano que está tentando cultivar suas riquezas espirituais e morais, buscando alcançar um nível verdadeiro e plenamente humano. Dentro do contexto da globalização o autor destaca a cultura dos

³ DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica moderna*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocio, 1993. p. 126-7.

⁴ DUMONT, Louis. *Op. cit.* p. 132-3.

⁵ MORANDE, H. A. *Op. cit.* p. 127-130.

povos, já que são eles os principais protagonistas coletivos da história. Adverte que a partir do Concílio Vaticano II, a cultura pode ser descrita como estilo de vida comum que abarca a totalidade da vida de um povo, o qual é caracterizado pela forma pela qual ele cultua sua relação com a natureza, com o próximo e com Deus. Essa definição coincide com o pensamento de Kantenich, porque a cultura se valoriza segundo o tipo e a qualidade dos vínculos que os homens de um povo cultivam com a realidade que os rodeia.

Do ponto de vista objetivo, que individualiza os principais conteúdos do estilo de vida comum, Morande distingue dois grandes conjuntos. Um de caráter ético e moral, que se refere a valores que animam e a desvalorizações que debilitam, e que ao ser praticado em comum com seus membros, os reúne baseados numa mesma consciência coletiva. O outro conjunto de conteúdos de uma cultura são as múltiplas formas através das quais aqueles valores e desvalorizações se expressam: os costumes, a língua, as instituições e estruturas de convivência social.

No quadro dessa totalidade, a evangelização busca alcançar a raiz da cultura, seus valores fundamentais, para suscitar a transformação social e conseqüentemente a modificação das estruturas. Assim, a atitude frente ao religioso condiciona todas as outras ordens da cultura. Essa era a ótica com que já em 1912, Kantenich elaboraria seu programa de educador, pois percebe a crise religioso-moral dos povos deslumbrados pelo progresso técnico-científico. Kantenich pretendia atuar sobre as culturas desde sua profundidade religioso-moral, eliminando a submissão aos ídolos do tempo e elevando essas culturas ao transcendente.

Outro intelectual do século XVIII, um dos fundadores do nacionalismo alemão, é Johann Gottlieb Fichte, que pertence ao pensamento universalista em oposição à visão herderiana, a qual exalta a especificidade de cada povo ou cultura.

Segundo Dumont, para Fichte o povo alemão está destinado a dominar o mundo, mas o sentido desta afirmação se modifica na medida em que está baseado na coincidência da universalidade com a germanidade, podendo-se afirmar que existe no pensamento de Fichte, ao mesmo tempo, um forte acento universalista e individualista, um aspecto holista, e um componente hierárquico, traço muito divulgado no pensamento moderno.

Para entender o individualismo em Kantenich é necessário conhecer o que ele pensava como *mentalidade mecanicista* do homem moderno. Para Kantenich essa mentalidade invade a cultura ocidental, destrói seus fundamentos degenerando-a numa cultura laica, materialista e secularista. É a mentalidade mecanicista que conduziu à utopia do humanismo ateu, ao

individualismo liberal e ao coletivismo marxista. E essa mesma mentalidade, segundo Kentenich, ameaçava, desde dentro, a Igreja.⁶

A mentalidade mecanicista ou separatista caracteriza-se por sua tendência a considerar mecanicamente separados e opostos entre si, elementos que constituem um conjunto orgânico. Separa mecanicamente onde existe união, divide e opõe. Uma cultura centrada na máquina tende espontaneamente a voltar o homem, seu criador, à imagem e semelhança de sua criatura ou invento predileto, fazendo com que os diferentes aspectos de sua vida se separem uns dos outros como os componentes de uma máquina. Esse é o efeito próprio e formal do que Kentenich chama de mentalidade mecanicista; ou seja, quando uma cultura se centra na máquina, aplica modelos mecânicos a tudo.⁷

Assim, a mentalidade mecanicista separa de forma mecânica os elementos de um todo que na realidade estão unidos. Não é capaz de ver a parte no todo, nem o todo em suas partes, se analisa a realidade, distingue partes ou aspectos desta, porém não para relacionar umas com as outras, mas para separar e contrapor estas partes ou aspectos entre si. Para Kentenich, o pensar mecanicista tende a excluir as polaridades existentes entre Deus e o mundo, entre o homem e a mulher, liberdade e autoridade, pessoa e comunidade. É propenso à oposição, ou isto ou aquilo, ou comunidade ou personalidade, ou Deus ou criatura, ou liberdade ou obediência, ou natureza ou graça...⁸

Nos seus escritos Kentenich distingue um modo de pensar, de amar e de viver mecanicista, com que abarca a totalidade do comportamento humano, e os descreve através de imagens. Refere-se à *atomização mecanicista* de nossa visão da realidade, pois o progresso perverteu o sentido do conhecimento humano, desorientando-o e atomizando-o. A ciência gerou tecnologias que produziram máquinas e sua finalidade dominadora contagiou a ciência, começando o processo de divisão e subdivisão de cada disciplina científica em muitas outras, cada vez mais especializadas, gerando um assombroso progresso técnico, levando o homem a saber cada vez menos sobre a totalidade de sua vida. A rapidez das informações, a cada multiplicação de especialistas em partículas da realidade, acabaram dificultando a visão sintética do mundo. O mecanicismo secularista, que tende a opor a razão e a fé, impede tal síntese. Na realidade, o homem seria a grande síntese dos elementos criados (mineral, vegetal, animal e espiritual).⁹

⁶ MORANDE, H. A. *Op. cit.* p. 126.

⁷ *Ibidem.* p. 137.

⁸ FERNÁNDEZ. *Op. cit.* p. 72.

⁹ MORANDE. *Op. cit.* p. 139-140.

O mecanicismo enquanto modo de amar, consiste em um modo doentio de relacionamento entre as pessoas, das pessoas com as coisas e os lugares, pois para Kentenich o homem mecanicista é um homem atomizado em si próprio e em suas relações. Se o mecanicismo separa, desagrega, é o reino do individualismo e do impessoalismo. As pessoas passam a categoria de coisas, como se fossem peças descartáveis de uma máquina ou números de uma massa anônima. Para Kentenich, o homem mecanicista é incapaz de amar a Deus nas criaturas porque não as vê em relação a Deus. Assim o mecanicismo, ao mesmo tempo que destrói a comunidade, gera uma sociedade massificada e radicalmente materialista, mata a vida, impedindo o florescimento e a vitalidade do cristianismo. O modo de amar mecanicista se manifesta pelo fato de a pessoa não ser capaz de unir organicamente as forças do amor instintivo natural, do amor espiritual e do amor sobrenatural.¹⁰ Esta mentalidade separa a inteligência da alma humana.¹¹ E se o pensar e o amar estão enfermos, o modo de viver do homem mecanicista está desarticulado, não é capaz de unir “idéia e vida” ou “fé e vida.”

Para Kentenich a característica de nosso tempo é o enfrentamento violento de duas mentalidades: mecanicista e orgânica. O viver orgânico é a antítese do viver e da cultura mecanicista. O homem organicista capta a relação orgânica entre o natural e o sobrenatural, por isso pode amar a Deus através das criaturas. O que pretende é cultivar e desenvolver um tipo de homem que pense, ame e viva organicamente, um tipo de homem que se forme e cresça sadiamente na medida em que se integra ao duplo organismo de vinculações naturais e sobrenaturais.¹²

Nas palavras de Kentenich, Fernandez refere a mentalidade orgânica,

(...) oposta à maneira de pensar mecanicista. Ela foi a luta pessoal de minha juventude. Nela eu pude vencer aquilo que hoje inquieta o Ocidente até suas mais profundas raízes. Deus me deu uma inteligência clara. Por isso tive que passar durante anos, por provas de fé. O que conservou minha fé durante esses anos foi um simples e profundo amor a Maria. O amor a Maria presenteia por si, esta maneira de pensar orgânica. As lutas terminaram quando fui ordenado sacerdote e pude projetar, formar e modelar

¹⁰ FERNÁNDEZ, *Op. cit.*, p. 73-4 e *Documento de Schoenstatt*, Santa Maria: Pallotti, s/d. p. 146-7.

¹¹ MORANDE, *Op. cit.*, p. 144.

¹² FERNÁNDEZ, *Op. cit.*, p. 78-9.

em outros o mundo que eu levava em meu interior. O constante especular encontrou sua cura na vida cotidiana. Este é o motivo porque conheço tão bem¹³ na alma moderna, o que tanto mal causou ao Ocidente.

De acordo com Dumont¹⁴, no século XIX e XX o povo alemão é inclinado à obediência admitindo a necessidade de subordinação em sociedade. Diante da pluralidade de nações, era natural, para os alemães em geral, que umas dominassem as outras. Entre os igualitaristas como Herder e Fichte, que abominavam a dominação do homem pelo homem, subsiste unicamente a hierarquia, distinta do poder, ao qual ela de costume adere. Fichte aplicou o individualismo moderno ao plano coletivo, fazendo do povo ou da nação um indivíduo de ordem superior e, também como Herder, viu a humanidade encarnar-se, essencialmente no povo alemão, numa época em que o impulso igualitário animava os espíritos. Tanto para Dumont como para Kentenich, as concepções de individualismo trazem a dificuldade que tem a ideologia moderna de projetar uma imagem suficiente da vida social, pois o etnocentrismo ou sociocentrismo que levam a exaltar o *nós* e a desprezar os *outros* sobrevivem na era moderna, mas de maneira diferente: os alemães posavam e tentavam impor-se como superiores, ao passo que os franceses só postulavam conscientemente a superioridade da cultura universalista, mas identificavam-se ingenuamente com ela ao ponto de se tornarem mestre-escolas do gênero humano.

O conceito de individualismo está ligado ao de nação:

A nação é precisamente o tipo de sociedade global correspondente ao reino do individualismo como valor. A nação é a sociedade global composta de pessoas que se consideram como indivíduos. É uma série de ligações desse gênero que nos autoriza a designar pela palavra “individualismo” a configuração ideológica moderna.¹⁵

Assim o individualismo é o valor fundamental das sociedades modernas. O autor tenta mostrar que um individualismo profundo está subentendido na racionalização racista do anti-semitismo alemão, quando ele analisa o livro *Mein Kampf* (Minha Luta) para entender as idéias do

¹³ FERNANDEZ. *Op. cit.* p. 59.

¹⁴ DUMONT, *Op. cit.* p. 136-139.

¹⁵ *Ibidem*, p. 21.

próprio Hitler que caracterizam os valores da modernidade alemã. Dumont alerta que é preciso entender que na ideologia alemã, jamais se trata no fundo da Alemanha em si, mas sempre da Alemanha em relação com o mundo que a cerca, ao passo que do ponto de vista da cultura ela é isolada, como se a cultura alemã não estivesse também em relação com seu meio circundante. Por isso na Alemanha não se compreende o conjunto. “Se existe um ideologia individualista moderna, há uma forma alemã muito particular desse individualismo”. Considera o pensador e o escritor alemães como mediadores, ou seja, eles representam a Alemanha no exterior, tal como fez Lutero, em relação aos próprios alemães. O individualismo alemão só está institucionalizado no plano da relação entre intelectual e comunidade alemã. De acordo com a Reforma, é um individualismo espiritual, interior, a cultura pessoal no sentido de educação e até de construção de si mesmo, o que deixa intacta a pertença à comunidade, que se apóia sobre ela.

Com base nas encíclicas papais e decretos do concílio Vaticano II, Morande afirma que a “doença do Ocidente” começa no “nominalismo” de Ockham (século XV); para Kentenich o primeiro indício da crise que se avizinha do Ocidente e o protestantismo de Lutero no século XVI. Ambos são considerado pré-modernos, pois o que propriamente encarnam é a capacidade de crítica ou de dúvida. A dúvida do nominalismo está na capacidade da própria razão, quando se pergunta se nossas idéias expressam de verdade o que as coisas são, ou se são somente nomes.

A Revolução Francesa proclamará a razão como única “deusa”, enquanto a filosofia idealista de Kant e Hegel fechará toda a possibilidade de retorno até Deus real e objeto. O mundo exterior ao homem já não pode assim revelar-lhe nada de Deus nem de seu querer, o que servirá para Comte afirmar que ciência e religião verdadeiras e seguras são as “ciências positivas”, cujas leis se podem expressar com matemática certeza. Com ele se estabelecerá uma cultura sem Deus. O ateísmo se converte em um projeto social e cultural. O homem se torna criador da história e ao impulsionar o mundo material mediante seu trabalho, segundo Marx, também se auto-cria, pois Deus já não existe. O homem massificado pelo trabalho vive para o trabalho, sentindo-se cada vez mais só, mais massa, nivelados dentro do todo coletivo, resultando na carência de vínculos pessoais. A concentração obsessiva no trabalho implica o signo da masculinização da cultura. Essa seria para Kentenich a primeira e gravíssima *heresia antropológica*, denunciada por ele em 1934. Para Kentenich, o que interessa é o efeito antropológico do meio

social imperante, seja capitalista ou marxista, isto é, a despersonalização do homem, a ruptura do organismo de vinculações, a massificação¹⁶, o que Dumont chamou de “doença totalitária”.

A pedagogia que Kentenich defendia estava preocupada com o retorno do homem a Deus como Pai, e todos os outros vínculos filiais, que o desenvolvimento do Ocidente foi perdendo progressivamente. Para Kentenich o vínculo paterno-filial é o que sustenta todo o organismo de vinculações, tanto no plano da fé como no natural, pois dele depende a capacidade de fraternidade e de autêntico domínio sobre as coisas. A obra da “mentalidade orgânica” constituirá em somar forças personalizantes do Pai e de seus filhos, organismos de vinculações, educando autoridades paternas que sejam reflexos vivos de Deus.

Kentenich postula a solução para o Ocidente no dia 31 de maio de 1949, no Chile. Para ele é necessário em primeiro lugar a educação desse tipo de homem e comunidade novos; em segundo lugar é preciso resgatar a missão salvífica do Ocidente e em terceiro a Confederação Apostólica Universal, assumida por Vicente Pallotti, que oferece a estrutura pastoral adequada, por ser universal, para evangelizar uma cultura que converteu todo o mundo em Ocidente. No terceiro documento, Kentenich registra a fundação da Internacional de Schoenstatt, para combater o nazismo quando estava no campo de concentração em Dachau, junto com padres poloneses.¹⁷ Mas, por ser federativa, pode dispor da capacidade de respeito necessário para não nivelar a originalidade histórica dos diversos pólos, raciais e continentais que chegam a compartilhar. Kentenich afirma que o Ocidente caminha para a ruína e a missão de Schoenstatt é edificar, impulsionar uma contracorrente que volte aos países europeus.

A Kentenich interessa dar vida à visão orgânica do homem, da comunidade humana, do trabalho e da história. Para ele o trabalho deveria personalizar a quem o realiza, pois o ajuda a descobrir suas riquezas pessoais, que a criatividade e a responsabilidade exigem e permitem, e que contribuem para reforçar sua identidade pessoal e sua auto-estima. Kentenich destaca que o pensar do homem está doente e urge renová-lo a partir do nível religioso-moral, pois o domínio do mundo interior do homem não cresceu junto ao domínio da natureza, levando-o à ruína social, pois o homem se tornou escravo de suas conquistas.¹⁸

¹⁶ MORANDE, *Op. cit.* p. 184, 285-286.

¹⁷ *Documento de Schoenstatt*. Santa Maria: Pallotti, s.d. p.61.

¹⁸ TREVISAN, Victor. *Movimento Apostólico de Schoenstatt: Introdução histórica*. Santa Maria: Pallotti, 1992. v. 1 e 2.

Ao contrário do que pensava o povo alemão, Kentenich propunha como elemento fundamental da pedagogia de Schoenstatt a liberdade como ideal, numa época em que a juventude crescia com uma idéia monista de Deus, um Deus impessoal, que definia o homem como o da massa, sem personalidade, sem liberdade. Contra isso propunha um novo homem livre. Kentenich via a sociedade alemã movida por um espírito dirigista, paternalista. Mas ao mesmo tempo exigia como ideal a obediência impessoal às regras preditas. Kentenich levou seus alunos à descoberta do mundo interior, e estudando o homem escravo, o homem massa, o que faz o que os outros fazem e porque os outros fazem, sem convicção, levou seus alunos à educação do eu, a se auto-governarem.¹⁹

Para expandir os desejos de liberdade na juventude, Kentenich fundou em 27 de outubro de 1912 o Grêmio Missionário, onde os alunos podiam exercer a liberdade através das comunidades livres: a entrada era livre, eles mesmos seriam os superiores, estariam também livres da pressão do reitor e tudo se resolveria pelo diálogo. Em abril de 1914, funda a Congregação Mariana, com alunos dos cursos mais adiantados, na qual desenvolveriam o cavalheirismo, a virilidade, o espírito mariano. Pe. Kentenich não impunha as idéias, os alunos deveriam tomar suas próprias decisões depois de madura reflexão e debate. Ele afirma: “o guia, o fundador, deve orientar-se por uma única e grande idéia e arder por ela, consumir-se inteiramente pelos que o seguem, estar patrizado, mais que o comum, no mundo (espiritual) que irá anunciar.”²⁰

Dumont adverte que para Hitler havia uma única causa por trás de todos os males e todos os inimigos contemporâneos: o marxismo. Para esse autor, Hitler recusa o primado moderno da relação entre homem e natureza, para reafirmar o primado da relação entre o homens. Ele recusa-se a admitir que o homem tenha se tornado senhor da natureza. Para Hitler o homem somente estabeleceu sua dominação sobre os outros seres vivos, suprimindo algumas leis e alguns segredos da natureza. Sendo que “outros seres” pode designar também seres humanos, onde se leria um desejo de intensificar o artificialismo moderno, aplicando-se aos próprios homens, o que efetivamente se verifica com a eugenia e os campos da extermínio. Segundo Dumont, Hitler rejeita também o primado da relação do homem com as coisas, quando se insurge contra o primado geralmente reconhecido da economia; engloba o econômico no político (relação entre os homens), percebendo a existência de um certo tipo de organização política que torna possível o desenvolvimento

¹⁹ *Documento de Schoenstatt*, p. 98.

²⁰ TREVISAN, V. *Op. cit.*, v. I. p. 64 e 193.

econômico.²¹ Citando enfim Karl Polanyi, para quem o nazismo representa uma crise decisiva do liberalismo moderno, ou melhor, a exploração sistemática da crise deste mundo que acreditava no econômico como categoria absoluta, independente do político, Dumont aponta os traços individualistas de Hitler, que desconfia dos ideais e das ideologias e admite ser necessária uma doutrina para submeter a massa à força. Sua hostilidade à realeza, à nobreza tradicional e a toda a noção de linhagem hereditária justifica-se para a promoção no partido, para o que o êxito era o único critério, daí a força da concorrência. Uma visão antagônica a seu contemporâneo Kentenich, que por isso se torna inimigo do Reich.

Kentenich pensou a sociedade alemã de seu tempo e, a partir dela, volta seu olhar para o Ocidente; no homem latino-americano encontrará respaldo e fecundidade para sua proposta de homem moderno.

²¹ DUMONT, L. *Op. cit.* p. 155-161 e 199.